Dia 27 — São Vicente, Sabina e Cristeta, Mártires

Martirológio Romano

A vigília dos santos Apóstolos Simão e Judas.

O martírio dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, em Ávila, na Espanha; os quais primeiro foram esticados no cavalete até que lhes desconjuntaram todos os membros; depois, pondo-lhes as cabeças sobre umas pedras, as machucaram até fazer-lhes saltar os miolos, em cujo tormento consumaram o martírio. Foi isto por sentença do presidente Daciano. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Florêncio, mártir, em Tille-le-Château, na Borgonha. (Ainda que alguns têm confundido este São Florêncio, mártir, com outro São Florêncio, confessor, a quem faz festa a Igreja de Sevilha no dia 23 de fevereiro, veja-se sua notícia no dito dia, tem-se por certo que o São Florêncio que hoje se assinala padeceu em Tille, lugar que, se bem se tem pretendido por do território de Sevilha, não pertence senão à Gália, conforme o colocam os Martirológios; a não equivocar-se talvez com Sile, povo do Egito inferior, ou com Tele, junto a Medina de Rioseco, onde se teve o concílio Telense. Nicol. Antonio, *Censura de hist. fab.*, liv. 4, cap. 4, § 18, pág. 131. — Flórez, *Esp. Sag.*, t. 9, pág. 304.)

As santas mártires Capitolina e Eroteida, sua criada, na Capadócia; as quais padeceram no tempo de Diocleciano.

São Frumêncio, bispo, na Índia; o qual primeiramente foi levado cativo àquele país e depois, ordenado bispo por Santo Atanásio, dilatou o Evangelho naquelas províncias. (Nasceu em Tiro, de pais cristãos, e era todavia de terna idade quando, acompanhando um tio seu que se dirigia à Índia, cujo nome davam os antigos à Etiópia, caiu escravo dos bárbaros daquele país. Sendo apresentado ao rei em Axuma, mandou este que o educassem; mais adiante nomeou-o seu secretário de Estado e, quando morreu, deu-lhe não somente a liberdade, mas encarregou à Rainha, que devia governar em qualidade de regente, que se confiasse absolutamente ao conselho de Frumêncio. Então, aproveitando-se o Santo do favor de que gozava, protegeu os cristãos e muito logo o cristianismo se fez respeitável aos infiéis. Neste estado dirigiu-se São Frumêncio a Santo Atanásio em Alexandria e pediu-lhe um bispo para completar a obra que ele havia começado; e Santo Atanásio creu que ninguém mais a propósito para o caso que o mesmo

Frumêncio e em sua consequência foi consagrado na mesma cidade de Alexandria. De volta a Axuma, com suas pregações e milagres conseguiu que toda a nação abraçasse a religião cristã. Batizou toda a família real e, depois de regularizar a nova Igreja, que o reconhece por seu apóstolo, morreu na paz do Senhor em Axuma, durante o século IV. Esta cidade se chama hoje Axum e, pequena e arruinada como está, intitula-se única cidade da Abissínia. Acha-se a quarenta e duas léguas de Adala, a duas milhas do mar Vermelho, e era antigo porto de mar e o maior de toda a Etiópia. As antigas inscrições, os obeliscos e outros monumentos que por seus arredores se descobrem, iguais aos de Mênfis, são provas certas de sua passada grandeza.)

São Elesbaão, rei, na Etiópia; o qual, depois de haver vencido os inimigos de Jesus Cristo, deixou a coroa real (abdicando-a em favor de seu filho) e foi a Jerusalém, no tempo do imperador Justino, a professar vida monástica, segundo o voto que disto tinha feito; e perseverando neste estado voou ao Senhor.

São Vicente, Sabina e Cristeta, Mártires

Entre os mais ilustres Mártires de Jesus Cristo que, no tempo das perseguições gentílicas, deram provas de seu valor e de seu ardente zelo pela defesa da religião cristã, são dignos de memória eterna os três insignes irmãos São Vicente, Sabina e Cristeta, os quais foram naturais, segundo uns, da vila de Talavera, sita na província de Toledo, e segundo outros, de Évora, em Portugal; bem que a diferença destas opiniões se concilia com saber que Talavera se chamou Elbora na antiguidade, segundo escrevem vários autores nacionais.

Os imperadores Diocleciano e Maximiano enviaram à Espanha, em classe de presidente ou governador, a Daciano, homem bárbaro e cruel, com o perverso intento de extinguir, se pudesse, a religião e o nome cristão, a cujo fim fez todos quantos esforços e tentativas lhe foram possíveis. Depois que houve sacrificado ao furor de sua sanha inumeráveis vítimas de inocentes cristãos em Barcelona, Saragoça, Toledo e outros povos, deixando em todas as partes por onde transitou horrorosos sinais de sua barbaridade, apresentou-se em Talavera esta fera revestida de carne humana, fazendo por si e por meio de seus ministros as mais exquisitas pesquisas em busca dos professores do cristianismo, para obrigá-los a sacrificar aos deuses romanos ou fazer-lhes sofrer, do contrário, os tormentos e penas mais desumanas.

Brilhava à sazão em Talavera um jovem chamado Vicente, educado na religião cristã, tão exemplar e tão modesto que a justificação de sua conduta servia de edificação até aos mesmos pagãos. Preso por esta causa, apresentaram-no a Daciano, o qual, vendo sua compostura e sua galharda disposição, fingindo ao parecer uma falsa compaixão, intentou pervertê-lo com afagos e carícias. Perguntou-lhe que seita professava; e sem turbar-se, Vicente lhe respondeu com valentia de espírito que a religião de Jesus Cristo, por cujo nome se chamava cristão. «E quê, seguiu o Presidente, adoras por Deus a um homem que por seus delitos crucificaram os judeus?» — «Cala,

replicou então o Santo, não vituperes quem devias venerar se não estivesses endemoninhado.» Daciano dissimulou a injúria por então, lisonjeando-se de que renderia em juízo o jovem Vicente continuando o interrogatório com brandura e, seguindo esta ideia, disse-lhe: «Perdoo a tua juventude essas liberdades, pois conheço que não chegaste a idade de uma prudência cabal, pelo que te devo aconselhar que me ouças como a pai e como tal te ordeno que sacrifiques aos deuses imperiais.» Ao que satisfez Vicente: «Careceria de sólido entendimento se, menosprezando o Deus verdadeiro que criou o céu, formou a terra, penetrou os abismos e cingiu os mares, desse culto aos falsos deuses de lenho e pedra, representados nas estátuas vãs.» — «Pois quem é o Deus que fez essas maravilhas, replicou o tirano, senão Júpiter?» — «Júpiter, respondeu Vicente, foi um homem inútil, cujas maldades e torpezas publicam vossos mesmos livros; mas meu Deus é santo e imaculado, uno em essência e trino em pessoas, o qual por seu infinito poder e suma bondade fez as obras admiráveis que no céu e na terra vemos e sabemos, as quais por todas as partes testificam sua divindade.»

Aceso Daciano num furor extraordinário ao ouvir as concludentes respostas de nosso Santo, mudando de tom disse-lhe: «É coisa indigna para mim questionar com um jovem bisonho; e posto que não obedeces a meus mandatos, és indigno de que ouça tuas razões. O que de teu Deus podes falar-me já o tenho ouvido de outros fanáticos tão cegos, tão perdidos e tão destemperados como tu, que deves consultar tua idade e dar a outros exemplo; e assim sacrifica logo ao grande deus Júpiter.» — «Sacrifica-lhe tu, respondeu Vicente, pois hás de cair com ele no fogo eterno do inferno, que está preparado para o demônio e seus sequazes.»

Não podendo já sofrer Daciano o desprezo que o valoroso jovem fazia de sua autoridade e de suas ameaças, levantando a voz em tom descomedido, disse a seus ministros: «Apartai de minha vista e retirai de minha presença esse mancebo sacrílego e notificai-lhe o edito publicado, para que ou sacrifique a Júpiter ou seja condenado no mesmo lugar em que o resista a uma morte infame, acompanhada de cruéis tormentos.» Conduziram-no os ministros a uma das praças de Talavera para que se executasse o sacrifício ordenado. Mas mal pôs o santo jovem os pés na pedra da ara daquele falso deus, quando, convertendo-se sua dureza numa brandura maravilhosa, ficaram nela impressas suas plantas como em branda cera; de cujo prodígio pasmados os ministros gentios, reconhecendo que nenhum de seus deuses obrava maravilhas semelhantes, não puderam deixar de confessar que era o verdadeiro o Deus que adorava Vicente; pelo que, suspendendo a execução com desejo de livrá-lo da morte, pretextaram a Daciano que pedia o jovem o termo de três dias para deliberar no assunto, os quais concedeu, guardando-o entretanto numa casa particular.

Posto o Santo naquela prisão, concorreram a visitá-lo muitos fiéis e pagãos, dos quais converteu não poucos à fé de Jesus Cristo em virtude de suas nervosas persuasões, desenganando-os dos delírios e necedades que adotava a idolatria contra tudo o que dita a razão nas superstições gentílicas. Passaram também a vê-lo suas irmãs Sabina e Cristeta e lhe fizeram presente o desamparo em que ficavam, a fim de inclinar-lhe a que fugisse do cárcere. «Vê, lhe diziam banhadas em ternas lágrimas, nossa solidão; órfãs de pai e mãe, sem mais amparo que o teu, se este nos falta, quem defenderá nossa pureza do furor dos bárbaros? quem fortalecerá nosso ânimo? Ouve nossas súplicas, sai da prisão para que fujamos juntos; se bem para livrar-te agora, não para que se nos negue outra ocasião em que todos os três consagremos a Deus nossas vidas, e se chega este caso, viveremos as duas contigo com decoro e aumento de santidade.»

Rendido Vicente às lágrimas e aos rogos de suas irmãs, valendo-se da oportunidade que lhe ofereceram os guardas do cárcere, ausentou-se uma noite com Sabina e Cristeta tão aceleradamente que, ainda que Daciano despachou atrás deles seus ministros a marcha precipitada, não puderam alcançá-los até a cidade de Ávila, onde os prenderam; e tirando-os fora das portas da cidade, estendendo cada um em seu potro, açoitaram-nos com a maior crueldade e desconjuntaram seus membros à força de exquisitos tormentos. Mas como os três Santos não cessavam de louvar a Deus no suplício, cheios de alegria porque se consideravam dignos de padecer por amor de Jesus Cristo, irritados os bárbaros à vista de sua constância, pondo as cabeças dos Santos sobre umas pedras, com outras e com paus lhes deram tão recios golpes que saltaram os miolos por várias partes, logrando por meio deste castigo desumano a apetecida coroa do martírio no dia 27 de outubro do ano 303 ou 304.

Deixaram os verdugos atirados no chão os veneráveis corpos dos três ilustres Mártires com o perverso fim de que fossem pasto das feras; mas manifestando Deus sua visível proteção a favor daqueles apreciáveis cadáveres, dispôs que, para defendê-los de todo insulto, saísse de entre as brenhas uma serpente formidável que causava muitos estragos nas imediações de Ávila. A este prodígio seguiu-se outro não menos maravilhoso, e foi que, querendo um judeu poderoso da cidade insultar as sagradas relíquias, mal chegou onde estavam enroscou-se a seu corpo a serpe, apertando-o com tanta força que o pôs em termos de expirar, mantendo-se por espaço de uma hora com silvos espantosos em ademane de devorá-lo, até que, conhecendo o hebreu ser aquele um visível castigo do céu por sua perfídia, prometendo a Jesus Cristo que, se o salvava do perigo, abraçaria a fé e daria sepultura aos corpos dos Mártires, deixando-o ao ponto a fera, que jamais se voltou a ver, cumprindo sem tardança sua promessa, recebeu o Batismo e, acompanhado de outros cristãos, praticou o piedoso ofício prometido. Depois erigiu um templo magnífico em honra dos Santos sobre seu sepulcro, ao qual quis o Senhor fazer célebre por meio de uma multidão de prodígios em favor dos que concorriam a tributar-lhes os devidos obséquios e a implorar seu patrocínio. Tido por tão célebre que, seguindo muitos fiéis a prática de jurar sobre os sepulcros dos insignes Mártires e Santos, o executaram sobre o de São Vicente. Bem que os reis católicos D. Fernando e D.ª Isabel nas Cortes de Toro proibiram semelhante costume pelos perjúrios que dele resultavam; cuja proibição se lê numa das leis da Recopilação nestes termos: «Outrossim mandamos que nenhum juramento, ainda que o juiz o mande fazer ou a parte o peça, se faça em São Vicente de Ávila nem no grilhão de Santa Águeda nem sobre o altar nem corpo santo nem sobre as relíquias do corpo de Santo Isidoro de Leão nem em outra igreja juradeira, etc.»

O culto destes santos Mártires estendeu-se desde logo por toda a Igreja, segundo consta assim do Ofício antigo moçárabe como dos Martirológios de Usuardo e Adão e do Romano e outros.

Não obstante algumas piedosas contendas, crê-se que a maior parte das relíquias destes três Santos existem nos sepulcros de Ávila, como consta do privilégio de D. Fernando IV que publicou Gil González, em que aquele Rei confirma todas as franquezas e liberdades que D. Afonso seu avô e D. Sancho seu pai fizeram àquela igreja.

Santa Anastácia, Virgem, e São Cirilo, Mártires

Depois da morte de Galo, que sucedeu no ano de 244, ascendeu ao império Valeriano, o qual se mostrou muito favorável aos Cristãos nos princípios de seu reinado, e tanto que nenhum de seus predecessores os havia tratado com igual benignidade. Assim em público como em particular lhes dava sempre sinais de seu singular afeto e carinhosa inclinação; de maneira que havia dentro de seu mesmo palácio tanta multidão de servos de Deus que mais parecia uma igreja que a corte de um imperador pagão; mas se foi tão extraordinária para eles esta brandura, não o foi menos a cruel violência com que depois os perseguiu. Enganado o miserável Príncipe por um egípcio que fazia profissão de mago, deixou-se arrastar a todo gênero de impiedades, não se lhe oferecendo o menor reparo em sacrificar ao demônio vítimas humanas. Era como consequência forçosa desta sacrílega impiedade a perseguição da Igreja, por serem os Cristãos os maiores e mais declarados inimigos da magia, sendo poucos os que com o nome só de Jesus Cristo e com o sinal da cruz não dissipassem, desfizessem e aniquilassem todos os efeitos e encantos do demônio. Irritado e animado o Imperador por seu abominável privado e confidente, que absolutamente o dominava, excitou contra a Igreja a perseguição mais cruel que até então havia experimentado. Começou esta perseguição no ano de 247 e foi a oitava que se levantou contra ela.

Entre a grande multidão de sagradas vítimas que foram sacrificadas a Jesus Cristo por este cruel tirano, uma das mais ilustres foi Santa Anastácia. Havia nascido em Roma, de pais cristãos e de família distinguida por sua nobreza, mas muito mais por sua piedade. Criaram-na seus pais com cuidado nos princípios da Religião verdadeira, ainda que houve pouco que fazer em sua educação; porque, tendo nascido a menina com inclinações naturalmente cristãs, ela mesma prevenia muitas vezes as piedosas lições que se lhe davam. Mas as virtudes que principalmente faziam seu caráter eram a modéstia, a devoção e o amor à virgindade; pois, ainda que era uma das mais formosas damas que se celebravam em Roma e ainda que a brilhantez de seu desembaraçado entendimento acrescentava novo lustre a sua formosura, reconheceu-se desde sua mais terna infância que não tomava gosto às vaidades do mundo e que nunca admitiria outro esposo que a Jesus Cristo. Passou sua primeira juventude dentro da casa de seus pais, continuamente retirada, invisível aos olhos dos homens e ocupada unicamente no cuidado de fazer-se agradável aos de Deus. Conseguiu-o; e aquele Senhor, que a havia escolhido para formar nela uma das mais amadas esposas suas, enriqueceu sua alma com seus mais preciosos dons. Aproveitou-se bem deles Anastácia; pois, abrasada toda no fogo do divino amor, empregava todo o tempo em contínuos exercícios de fervorosa virtude. Era a oração sua ocupação principal; e como tomava tanto gosto no trato com Deus, nenhuma coisa podia distraí-la dele. Estava brigada com todo gênero de ociosidade e todo o labor que fazia a destinava ao serviço dos pobres ou ao adorno dos altares.

Mortos seus pais, só pensou em buscar, para esconder-se, algum outro retiro maior. Havia em Roma certa congregação ou companhia de donzelas consagradas a Deus, as quais viviam de comunidade em uma espécie de mosteiro. Governava-as uma superiora chamada Sofia, donzela de virtude sobressalente, perfeitamente instruída nos caminhos do Senhor e dotada de extraordinária

prudência. Renunciou Anastácia todos os seus bens, com todas as grandes esperanças que lhe prometiam no mundo suas brilhantes prendas e nobre nascimento, e aos vinte anos de sua idade foi-se a encerrar naquela espécie de convento, pondo-se para sempre sob a direção de tão santa superiora. Foi recebida nele como um rico presente com que o céu a regalava; mas ao mesmo tempo como um depósito passageiro que não havia de durar-lhe muito; porque sua mestra e superiora sentiu não sei que secreto prenúncio de que tão eminente virtude mereceria algum dia a coroa do martírio. Não foi necessário ativar seu fervor, mas moderá-lo; porque, atenta a desempenhar exatamente as mais miúdas obrigações do estado, em breve tempo foi um dos mais perfeitos modelos da vida religiosa. O abrasado amor que professava a Jesus Cristo, seu celestial esposo, e a extrema ternura com que amava a Rainha das Virgens aumentavam cada dia seu alto conceito da virgindade e seu ardente desejo do martírio. Sem dúvida que, para dispô-la melhor a esta duplicada palma, permitiu Deus que fosse exercitada em muitos e vigorosos combates. O demônio levava com muita impaciência tanta virtude numa terna donzela no mais florido de sua idade, dotada de tão singulares prendas e sobretudo daquela rara formosura que com tanto esmero procurava ela mesma esconder, fazendo-se invisível; pelo que aquele formidável inimigo das castas esposas de Jesus Cristo pôs em movimento todas as suas máquinas para derribá-la. Sentiu-se assaltada das mais furiosas tentações, alvoroçando-se em seu coração umas violentas paixões que a purísima donzela não conhecia, e o tentador fez quanto pôde para vencê-la ou ao menos para desalentá-la; mas estes ataques só serviram para fazê-la mais aguerrida, dispondo-a Deus por estes combates interiores a mais ruidosas e mais ilustres vitórias.

Tendo-se publicado os editos do imperador Valeriano contra os Cristãos, desataram-se contra eles os ministros idólatras como feras encarniçadas e sedentas de seu sangue, correndo por todas as partes para arrastá-los ao suplício. Como Anastácia havia feito em Roma tanto ruído, já por sua pública adesão à fé de Jesus Cristo, já por sua notória exemplaríssima virtude, não podia deixar de ser um dos primeiros objetos de seu furor; e noticiosos de que estava retirada em casa da matrona Sofia, voaram lá para tirá-la dela. Acode ao mosteiro uma tropa de gente perdida mandada por um oficial; força as portas e em nome do prefeito de Roma, chamado Probo, um dos mais cruéis inimigos do nome cristão, pede que se lhe entregue Anastácia. Informada Sofia do que se passava, corre apressada ao quarto de sua querida discípula e abraçando-a ternamente: «Eia, filha minha, lhe diz, já chegou a hora em que te chama teu divino Esposo. Vai, inocente vítima, vai ser sacrificada pela glória e pelo amor daquele que quis primeiro ser sacrificado por teu amor na ara da cruz. Combate como generosa cristã e mostra-te digna de esposo tão celestial.» Não bem acabou de pronunciar estas palavras quando entraram aquelas fúrias do inferno; e arrebatando a castíssima donzela, conduziram-na ao palácio de Probo. Logo que este a viu, prendado de sua singular formosura, não menos que de sua virginal modéstia, longe de mostrar-se colérico nem irado, tratou-a com doçura, com atenção e com respeito. Perguntou-lhe logo por seu nome: «Chamo-me Anastácia, respondeu a Santa, e tenho a ventura de ser cristã.» — «Pior para ti, replicou o juiz, essa profissão te prejudica e esse só borrão desluz todas as prendas que brilham em tua pessoa. Aconselho-te, filha minha, que sem deter-te um ponto a deliberar renuncies uma religião que atrai todo gênero de desditas sobre aqueles infelizes que a professam. Tua modéstia me tem encantado e muito mais tua formosura: de minha conta corre tua fortuna; mereces sem dúvida ocupar um dos primeiros lugares na cidade e na corte; vem comigo ao templo de Júpiter para oferecer-lhe sacrifício. Quanto ao mais, devo dizer-te que, se te resistes com teimosia e com imprudência a obedecer-me, bem podes fazer ânimo de sofrer os mais cruéis tormentos.»

«Já o tenho feito, respondeu a Santa, e estou resolvida a padecer quanto há que padecer pela glória de meu Deus. Cristã quero ser ainda à custa de minha vida: nem creias em vão que me tentem tuas promessas nem que me espantem tuas ameaças. O Deus todo-poderoso a quem adoro, meu Senhor e Senhor teu, saberá dar-me forças para sofrer os mais horrorosos suplícios.» Atordoou todos os circunstantes uma resposta tão animosa como pouco esperada; mas irritou furiosamente o Prefeito. Mandou que a esbofeteassem, o que se executou com tanta crueldade que ficou a Santa banhada toda em seu sangue e, carregada de cadeias, fecharam-na num cárcere. Saía-lhe ao rosto a alegria do coração ao mesmo tempo que o sangue corria de suas narinas; os hematomas de suas faces e o peso de suas cadeias tiravam lágrimas de compaixão ainda aos mesmos pagãos. Como perseverasse em confessar a Jesus Cristo, o Prefeito, que por outra parte era de gênio bárbaro e cruel, mandou que a aplicassem a uma horrível tortura e que, enquanto todos os seus membros fossem deslocados com ela, lhe abrasassem os lados com tochas acesas, suplício espantoso que a Santa tolerou, não só sem exalar a mais mínima queixa, mas com uma serenidade e um gozo que a todos encheu de admiração. O tirano havia dado ordem aos verdugos de que se valessem de toda a sua indústria e de toda a sua invenção para atormentar a invencível Mártir; e como viram que nem o fogo nem a tortura faziam impressão em sua invariável constância, ocorreu-lhes o pensamento de arrancar-lhe os peitos; e depois fizeram o mesmo com as unhas e com os dentes, que todos os fizeram saltar da boca a golpes de martelo, sem que em meio de tão horrorosa carnificina cessasse Anastácia de bendizer e de cantar louvores ao Senhor. Naturalmente havia de expirar à violência de tão cruéis tormentos; mas o mesmo que era absoluto dono de sua alma sustentava milagrosamente seu corpo, dando-lhe forças superiores a todos eles; e com efeito, restituída ao cárcere, achou-se de repente perfeitamente sã de todas as suas feridas.

Deveria converter-se o tirano à vista de tão palpável prodígio, se os tiranos se convertessem. Noticioso do portento e informado do desprezo com que a Santa tratava suas mentidas deidades, chamando-as deuses de metal, de pedra, de barro e de madeira, mandou que lhe arrancassem a língua. Sabendo Anastácia a ordem do Prefeito, aproveitou todo o tempo que precedeu à cruel execução, empregando-o em dar graças a Deus publicamente pela mercê que lhe fazia e em cantar com voz mais esforçada seus divinos louvores. Foi dolorosa a operação e saiu de sua boca um arroio de sangue que tingiu toda a roupa. Como a Santa sentiu que se ia desmaiando, reparou num cristão chamado Cirilo que estava perto dela, a quem rogou por sinais que a socorresse com algumas gotas de água. Fê-lo assim Cirilo e esta generosa caridade lhe mereceu a palma do martírio. Suprindo Anastácia a falta da língua, levantava sem cessar as mãos ao céu para bendizer mais e mais ao Senhor e pedia-lhe que a assistisse até o último momento de sua vida; vendo-o o tirano, teve todavia a barbaridade de mandar cortar-lhe as mãos e os pés, depois do que, tendo-lhe cortado a cabeça, adornada de tantas galas como suplícios, segundo se explica o Martirológio Romano (veja-se o de amanhã), voou à glória em busca de seu celestial Esposo. Ao mesmo tempo Cirilo, aquele caritativo cristão que lhe havia dado a água a rogo seu, recebeu a coroa do martírio em prêmio de sua caridade, tendo-lhe cortado a cabeça no próprio dia, que foi o 27 de outubro, pelo ano de 249.

Refere Surio que a virtuosa Sofia esteve em oração todo o tempo que durou este combate de sua querida discípula e que, noticiosa de seu glorioso triunfo, achou modo de apoderar-se do santo corpo, que envolveu com veneração numa tela; mas como por sua avançada idade não tivesse

forças para levá-lo, viu vir dois homens veneráveis que carregaram com ele e o enterraram fora da cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui inter cætera potentiæ tuæ miracula, etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti; concede propitius, ut qui sanctorum Vincentii, Sabinæ et Christetæ, virginum et martyrum tuorum natalitia colimus, per eorum ad te exempla gradiamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que entre as outras maravilhas de vosso poder destes forças ainda ao sexo mais frágil para conseguir a coroa do martírio, dai-nos graça para que caminhemos a vós imitando os exemplos de vossas virgens e mártires São Vicente, Sabina e Cristeta, cuja festa celebramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico (o impresso traz «11»).

Eclesiástico 51,13-17

> **Latim:** [13] Exaltasti super terram habitationem meam, et pro morte defluente deprecatus sum. [14] Invocavi Dominum patrem Domini mei, ut non derelinquat me in die tribulationis meæ, et in tempore superborum, sine adjutorio. [15] Laudabo nomen tuum assidue, et collaudabo illud in confessione : et exaudita est oratio mea, [16] et liberasti me de perditione, et eripuisti me de tempore iniquo. [17] Propterea confitebor, et laudem dicam tibi, et benedicam nomini Domini.

Português: [13] Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte. [14] Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos. [15] Louvarei incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração. [16] E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de aperto. [17] Por isso eu te glorificarei, e

cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

Reflexões

Deus e Senhor meu, tu exaltaste minha habitação sobre a terra. Todos somos forasteiros no mundo, o céu é propriamente nossa pátria e é a vida uma jornada que se faz por país estranho. Não há maior necedade, não há maior loucura que empregar-se em tomar unicamente gosto aos bens desta vida. Um caminhante olha com indiferença tudo o que lhe sai ao encontro no caminho. Diversões, costumes, campinas deliciosas, belas casas de campo, edifícios suntuosos, objetos agradáveis, tudo lhe faz pouca força, em nada se detém. Aproveita-se com a vista dos objetos divertidos que se lhe apresentam; toma deles de passagem o que lhe parece necessário; mas a memória e o desejo de sua amada pátria o ocupam inteiramente. Alma muito baixa, coração muito corrompido há de ter o que está gostoso, o que está muito divertido no lugar de seu desterro, ainda que seja um país desditoso, ainda que se exercite nos ofícios mais penosos e mais abatidos, chegando a perder o amor e ainda a memória de sua pátria, não obstante ser um país delicioso e de que viveria nele com estimação, com esplendor e com regalo. Ó bom Deus, e quantos há nesta odiosa disposição! Agrada-nos a terra, ainda que seja região e vale de lágrimas; mas o céu, aquela feliz estância; o céu, aquele ditoso centro de todos os bens, de toda a felicidade, é-nos indiferente. Ocupa muito a essas pessoas mundanas o pensamento do paraíso? A esses homens de negócios, a esses idólatras dos passatempos, a essas almas baixas e terrestres, que parece colocam sua felicidade nas diversões da terra e que parece não têm outro último fim que o dos bens criados? Na verdade, se não estariam em bom estado os que nunca suspirassem pelo céu, os que se contentassem com possuir perpetuamente os bens deste mundo, poderemos dar-nos por seguros em consciência? Oh, quantos dissabores nos pouparíamos, ou ao menos, quantos consolos acharíamos em nossos trabalhos e em nossos contratempos se, olhando-nos como futuros cidadãos da corte celestial, como filhos adotivos de Deus, como presuntivos herdeiros de sua glória, nos lembrássemos de que só estamos de passagem nesta triste vida para ser algum dia eternos moradores da celestial Jerusalém! Eu gemo; eu há muitos anos que vivo como enterrado na pobreza e na escuridão; eu não acho mais que espinhos, abrolhos, trabalhos e cruzes em todas as partes; eu molho o pão que como nas lágrimas que derramo. Eia, não mais que um pouco de paciência; dia virá em que serei santo. Aborrecido, menosprezado, perseguido; não passar-se dia sem algum trabalho, não encontrar caminho que não esteja semeado de tropeços, viver sempre com as armas na mão, não dar passo que não se encontre com um laço em que caia a inocência, ser-me suspeito meu próprio espírito, fazer liga contra meu próprio coração de inteligência com meus sentidos; que vida, Senhor, mais triste, mais enfadonha, mais pesada? Mas eia, um pouco de paciência; o céu há de ser o termo ditoso de todos estes trabalhos; o mesmo Deus há de ser sua recompensa; cada dia, cada hora e cada instante vamo-nos avançando para aquela estância feliz. Oh, e quanto consola este pensamento a uma alma que está cheia de religião e não está pegada à terra!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 8 de outubro).

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. 52 Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Não há tempo na vida em que não devamos trabalhar em nossa salvação

Primeiro ponto

Considera que todo o tempo da vida nos foi dado para que trabalhássemos no negócio de nossa salvação e que todo este tempo é necessário para sair bem com ele. Por aqui compreenderás o erro daquelas falsas máximas do mundo: «É mister dar à mocidade o que lhe toca: os moços é preciso que sejam moços e que se divirtam; já lhes virá tempo de ter juízo e dar-se à virtude. A idade mais madura é mais a propósito para a perseverança: cada coisa a seu tempo.» Isto quer dizer, em bons termos, que as primícias da vida do homem não devem consagrar-se a Deus; que aqueles primeiros anos, como os mais floridos da idade, segundo o espírito do mundo, se hão de destinar aos gostos, às diversões e aos passatempos. Tudo o que se reserva para o negócio da salvação, para o qual precisamente se nos concederam todos os momentos da vida, é um miserável resto de dias incertos, achacosos, sem vigor e meio apagados. «Quando já não estiveres para servir ao mundo nem fores de proveito para nada, então serás bom para servir a Deus.» É preciso deixar passar a mocidade: bem; e em que se funda esta perniciosa máxima? Pois quê, a idade mais própria para a virtude e a mais exposta ao vício não deve estar sujeita à lei? A torrente é impetuosa; pois rompam-se todos os diques. São fogosas as paixões na juventude; pois tirem-se-lhe todos os freios e perdoem-se-lhe todos os estragos. Porque um ânimo jovem e terno se corrompe mais facilmente, será razão deixar que penetre a corrupção até o coração e até as entranhas? Têm os jovens maior propensão ao mal: será caridade, será proceder com juízo alargar-lhes o freio e dar-lhes maior liberdade para precipitar-se? Um pai, uma mãe, um amo, um superior veem a sangue frio a vida irregular de seus filhos, de seus súditos, de seus criados; fecham os olhos e tranquilizam-se dizendo que é preciso dar à mocidade o que lhe corresponde; que é mister perdoar alguma coisa aos poucos anos. Isto significa que é mister deixá-los que sejam maus, porque estão numa idade muito oportuna para ser cada dia piores; que é mister permitir-lhes que se deixem levar do mau exemplo, por isso mesmo que estão em paragem de que cada instante os arraste mais e mais; que é mister dissimular seus extravios em atenção a que se descaminham ao princípio da carreira. Bom Deus, que matéria copiosa de dor e que sementeira de arrependimentos!

Segundo ponto

Considera que, como, falando em rigor, não temos mais que um só negócio nesta vida, todo o tempo e todas as idades da vida se devem empregar neste único e importante negócio, que é o da salvação. A primeira idade é inocente; pois nada nos importa mais que aplicar todos os meios para conservar esta inocência, de cuja conservação pende muitas vezes nossa salvação eterna. A juventude está mais exposta e é mais perigosa; pois que não devemos fazer para preservar-nos nela das ocasiões e de tantos perigos tão escorregadios? Não há idade mais crítica e por conseguinte nenhuma em que seja mais necessária a circunspecção, a fuga das ocasiões, a devoção e a frequência dos Sacramentos. Uma vez corrompido o tempo da juventude, todo o resto da vida cheirará à mesma corrupção; nem a idade mais madura está mais a coberto das tentações. Esta é propriamente a idade dos negócios; temos algum de maior consequência que o de nossa salvação? E se não trabalhamos nele nesta idade, qual é a que destinamos para adiantá-lo? A velhice está mais perto da morte, grande razão por certo para trabalhar unicamente nela neste importantíssimo negócio; mas não é verdade que a velhice é a idade dos costumes inveterados? Não é verdade que então somos regularmente o que sempre fomos? Mas afinal, se não empregamos em nossa salvação estes últimos dias da vida, qual será nosso destino? Sem

embargo, poucos velhos começam a ser devotos quando velhos. Pois considera quanto te importa começar a sê-lo em boa idade: na velhice só se obra por costume.

Mas quê, Senhor, será possível que não se fez para Vós a idade florida! Chamar-se-ão servos vossos os que temem servir-vos demasiados anos se o começam a fazer desde sua juventude e os que, tendo dedicado esta ao serviço do mundo, julgam que vos concedem demasiado se vos dão a Vós os últimos carcomidos dias de sua estragada vida? Ó Senhor, e quanta dor tenho de começar a servir-vos tão tarde! Mas afinal começo; e em vossa divina graça espero não trabalhar já em outra coisa que no negócio de minha salvação.

Jaculatórias

Senhor, nem no céu nem na terra desejo outra coisa que a Vós, único bem meu. (Sl 72.)

Isto está feito, Senhor; não quero que se passe um só dia de minha vida em que não vos sirva, guardando exatamente vossa santa Lei. (Sl 118.)

Propósitos

1. Grande erro é imaginar que haja no discurso de nossa vida certo tempo ou certa idade em que impunemente se possa omitir o aplicar-se seriamente ao negócio da salvação. Como se Deus houvesse exceptuado alguns dias em que não tivéssemos obrigação de trabalhar neste único negócio; como se o Senhor não nos houvesse de tomar estreita conta de todos os dias da vida. Nem um só se nos concedeu para outro fim, nem um só se nos deu de sobra. Pois que será daquelas pessoas que malograram toda a sua juventude, e acaso as três partes de sua vida, sem fazer nelas nada por sua eterna salvação? Contado e determinado está o número de nossos dias. Em que parte do Evangelho se encontra que não nos pedirá Deus conta de muitos ou de alguns? E depois nos admiraremos de que seja tão curto o número dos escolhidos! Examina bem quantos dias tens perdido e chora amargamente esta perda.

2. Procura empregar tão cristãmente o pouco tempo de vida que te resta que tenhas alguma razão para esperar que Deus terá piedade de ti por sua infinita misericórdia. Trabalha sem cessar no negócio de tua salvação; não malogres um instante; não há que perder tempo, pois demasiado tens perdido. Faze propósito pelas manhãs de empregar todo aquele dia neste importante negócio e renova o mesmo propósito ao princípio de todas as ações.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:04 by Admin